

que eventualmente tivesse”, explica. Edoardo logo conheceu a mãe de Stelio e, para sustentar os filhos, na década de 70, construiu o cinema UltraVisão, que foi doado à USP.

Quando o pai morreu, em 1981, Stelio tinha 11 anos de idade. Tempos depois, o irmão caçula, Leandro Tullio, era quem administrava o cinema, até 2022, quando faleceu inesperadamente por complicações de saúde. Sua mãe, Ruth São Juliano, passou a vida dedicando-se ao cuidado da família. “Uma mulher da terra, mineira, que me deu o principal da vida, o que eu chamaria de ética da modéstia, da moderação, de uma vida simples e frugal”, pontua Stelio sobre a mãe, que faleceu em fevereiro, aos 80 anos.

“Eu sou um ex-milionário sem nunca ter sido. Ainda estou em luto, muito impactado. Eu não assumiria tocar esse cinema por conta da docência, pelo regime de dedicação integral, mas também por uma questão sentimental, porque, sem eles lá, não faz sentido. Como se diz hoje, né? Meu pai conseguiu fazer do limão uma limonada, e é o que estou tentando fazer também.”

Carreira

Primeiro da família a completar o segundo grau, Stelio é docente e pesquisador no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) há 10 anos. No início da década de 90, ele estava imerso no universo do cinema e fazia aulas de teatro, mas decidiu sair de Poços de Caldas para prestar vestibular em São Paulo e ingressou no curso de ciências sociais na USP, onde concluiu sua formação acadêmica.

Após a graduação, emendou um mestrado na área de antropologia, no qual foi destaque com a tese *A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil*, premiada, em 2003, como a melhor dissertação de mestrado do ano pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Tão importante quanto o prêmio, ele cita a criação da revista interdisciplinar *Sexta-Feira – Antropologias, Artes e Humanidades*, da qual foi coeditor.

“Esse prêmio foi muito importante, mas não menos que o grupo da revista. Em torno dela, não só selamos amizades, como conspiramos juntos antropologias e outras coisas. Com essa publicação, nós conseguimos fazer um trânsito entre a produção acadêmica e o interesse pela

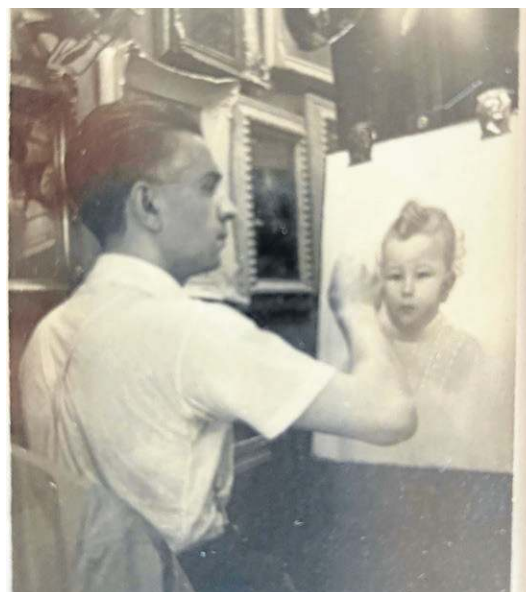
Arquivo pessoal



Fachada do prédio residencial, em Poços de Caldas, com o cinema UltraVisão, ainda ativo



Caçula Leandro operando no cinema pré-digital



O pai, Edoardo Luciano: retratista em ação

divulgação científica. Uma espécie de ponte que teve um papel de inovação editorial e de difusão científica bastante atraente na época”, ressalta Stelio.

Da faculdade para a vida, o grupo de amigos continua unido. “Minha família é muito pequena, então acho que o maior acolhimento foi mesmo dos meus amigos e amigas queridos que, desde a graduação, têm sido a minha turma, e eu devo muito a eles por isso.” Além deles, Stelio destaca Laila Monique de Melo, 31, que entrou como funcionária do cinema há muitos anos e agora trabalha como “secretária irmã” do pesquisador. “Ela cuidou do meu irmão, da minha mãe, hoje me acompanha e é uma pessoa extraordinária, também uma grande herança que recebi do meu irmão.”

Dívida

Apesar de estar feliz com a ação solidária, ele revela que acabou fazendo uma dívida.



Laila Monique, 31, e a mãe do pesquisador, Ruth São Juliano

“Fiquei endividado com irmãos para que esse prédio que eu doe ficasse apenas no meu nome. São custos advocatícios com inventários, impostos, regularização, manutenção etc. Eu acho que, aos poucos, vou conseguir quitar essas dívidas nos

viver e quero viver, mas estou convencido de que dar as costas à mortalidade é um modo bastante perverso de perpetuar concentração de riqueza, bens, patrimônio. Como se fosse uma espécie de negacionismo da vida e da sociedade.”

Repercussão

Desde que o irmão Leandro faleceu, Stelio comentava sobre a doação, mas ouviu opiniões diferentes sobre o que fazer com a herança. “Teve gente dizendo ‘para com isso rapaz, peça demissão e vá viver na Europa, andando o mundo’, uma coisa horrível”, conta. Ele também se percebeu incomodado com comentários na internet. “As pessoas se mostram muito surpresas e mesmo perturbadas com o fato de eu renunciar ao desfrute de uma fortuna. É como se a filantropia fosse um absurdo, e mais ainda porque, no meu caso, trata-se de uma doação que faço não no final da minha vida.”

O antropólogo observa ainda uma cultura de doações anônimas no país e defende que, de alguma maneira, era preciso romper isso com “alguém dando as caras”. “O que me animou a sofrer essa exposição, que não é nada confortável para mim, é estimular outras pessoas a atos de solidariedade como esse. Eu noto que está havendo mais doações e mais interesse de entidades em divulgar algo que ainda é pouco praticado”, relata.

Ao decidir tornar sua doação pública, Stelio também recebeu depoimentos emocionantes, como o de Cristiane Aparecida Silveira Monteiro, que mostrou que ações como a dele mudaram a vida dela. “Eu, filha de um cortador de cana e de uma empregada doméstica, iria desistir do curso se não fosse a Bolsa Eduardo Panades. Concluí o curso de enfermagem em 2003, fiz mestrado e doutorado. Trabalhei em sua terra natal (Poços de Caldas) por 12 anos e hoje sou professora na Universidade Federal de Alfenas. Não me tornei uma referência de vida nem de pesquisa nem de nada, mas consegui dar aos meus pais uma vida digna e com um pouco de conforto”, relata. “Nada disso teria sido possível se não fosse o acesso e a permanência viabilizados pela bolsa. Imagino quantas ‘Cristianes’ terão as suas vidas transformadas pelo seu gesto...”, escreveu Cristiane.

próximos anos, inclusive, com ajuda do meu salário de professor”, pondera. Por outro lado, não se arrepende da decisão. “O importante é que, se eu morrer amanhã, haverá bolsas de permanência estudantil do subfundo USP Diversa para cotistas sociais e raciais, ou seja, grupos social e economicamente minoritários, vulneráveis.”

Ele diz que a cara, a cor e a agenda da universidade pública, com as cotas, avançaram nos últimos anos, mas ainda há desafios. “O problema é que eles entram e a evasão é enorme, eles não têm condição de ficar. É preciso corrigir isso.” E reflete sobre a desigualdade no país: “Eu adoro